
RECENSÕES

Entre a Escola e o Lar – O Currículo e os saberes da Infância

Ricardo Vieira, Escher, Lisboa, 1992, 175 páginas

O livro de Ricardo Vieira é uma reflexão aprofundada sobre o desenvolvimento entre a cultura das crianças de origem camponesa. Baseia-se nos resultados de uma pesquisa realizada numa escola do 2º ciclo do básico numa aldeia do distrito de Leiria, através da observação directa na própria escola, tirando o máximo partido das situações de contacto informal com professores e alunos. O autor analisou documentação virada sobre a escolaridade passada e presente dos alunos, como boletins informativos dos professores às famílias, recolheu histórias de vida das crianças e observou-as em situação de jogo ou lúdicas, em grande parte organizadas por ele e outros investigadores, de colaboração com as crianças. Os programas e livros dos dois ciclos integram igualmente a informação trabalhada pelo autor.

Uma das ideias fortes que emerge da pesquisa é a de que existem elementos positivos dos programas de ambos os ciclos, essencialmente os que permitiriam prolongar na escola aspectos da experiência das crianças, que não são «aproveitados» pelos professores. O Currículo – oculto –

pelo qual os professores se orientam resulta da sua própria educação escolar: como esta foi bem sucedida, neles tendem a considerá-la válida. Os próprios livros podem em certos casos já não corresponder às intenções dos programas.

A avaliação participa de uma lógica semelhante. Tende a avaliar-se negativamente, a apontar deficiências para mais frequentemente referidas aos tais conteúdos programáticos tradicionalmente interpretados. O autor desenvolve uma reflexão sobre o significado do informe por escrito aos pais em meio camponês, no 1º ciclo, com os seus efeitos de despersonalização e de colocação à distância. No 2º ciclo, e de acordo com um questionário aos professores, só uma parte destes revelou um conhecimento mais aprofundado de cada um dos seus alunos. Em geral, existe a concepção implícita de que o aluno é independente, livre, responsável perante si próprio: depende dele estudar ou não, melhorar ou não.

A análise dos testes mostra muitas perguntas descontextualizadas, com forte apelo à memorização, como se procurasse

derrotar os alunos. Acima de tudo, e como no 1º ciclo, ignoram-se os saberes de origem não escolar do aluno, avalia-se o que ele não sabe.

Um dos desenvolvimentos mais interessantes do livro tem a ver com os acima referidos jogos organizados com as crianças, com o objectivo da cultura infantil, e igualmente a maneira como as crianças utilizam as categorias mentais dos adultos. Só para referir aqui um resultado, mencione-se a elaboração com as crianças de uma cartografia da escola e do espaço circundante, de acordo com a sua apropriação do espaço, com a maneira como o dividem e utilizam.

Outro momento forte da análise: as reflexões suscitadas pela história de vida de Mário, um filho de camponeses particularmente bem sucedido na escola. Em páginas aliciantes o autor faz-nos compreender o problema que Mário resolveu, o de ser capaz de responder ao mesmo tempo e sem conflito a dois papéis e aos dois sistemas de expectativas correspondentes, quando é frequente o sucesso num deles implicar o insucesso no outro: fugirás à escola para trabalhar a terra, mas se fores bem sucedido na escola é ao trabalho da terra que escaparás (aos 6 anos Mário já aprendera a «andar á frente da vaca»).

Na história de Mário não estão apenas em jogo valores e saberes diferentes, mas igualmente estilos negativos. Trocámos aqui um ponto central das propostas de Ricardo Vieira, bem assim, aliás, como da equipa de investigadores de que faz parte. O desencontro entre a cultura camponesa e a cultura escolar é, largamente, um desencontro entre uma cultura oral e uma cultura letrada. Esta está associada ao desenvolvimento de um saber de base hipótetico-dedutiva, permitindo a abstracção, enquanto a primeira remete para um saber constituído a partir dos aspectos mais imediatos da experiência, de forte base sensorial e afectiva. O autor refere os nativos das sociedades primitivas capazes, por exemplo, de encontrar um caminho em circunstâncias muito difíceis, mas incapazes de o descrever em geral, de o representar. De acordo com as propostas de Jack Goody, estão aqui em jogo sistemas simbólicos diferentes, um baseado na fala, o outro na sua representação gráfica e em tudo o que esta favorece.

SÉRGIO GRÁCIO